

autêntica

PARA PENSAR A
NARRATIVA
INFANTIL

ROTEIROS PARA LEITURA LITERÁRIA LIGIA CADEMARTORI

Ligia Cademartori é doutora em Teoria da Literatura. Foi professora do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Brasília (UnB). Como conferencista, participou de congressos na Universidade de Lisboa, em Portugal, e na Universidade de Tulane, nos Estados Unidos. Tem participado, como jurada, do Prêmio Jabuti – Câmara Brasileira do Livro – e de comissões de seleção de livros de literatura do PNBE/MEC 2005 e 2007 e de vários outros concursos literários. Faz crítica literária no suplemento “Pensar” do *Correio Braziliense*.

Este encarte integra as obras infantis e juvenis da Autêntica Editora e não pode ser vendido separadamente.

© Autêntica Editora LTDA.

1 Mentira, verdade

O pedaço de madeira é capaz de disparar raios. A colcha da cama vira manto de princesa. O carro minúsculo pode percorrer todas as estradas do mundo. Ao brincar, o pensamento da criança desprende-se dos objetos e a ação que ela interpreta depende mais de suas idéias do que das coisas com que brinca. Ela vive uma situação imaginária, que simula com movimentos. Às vezes, também com narrações mínimas que faz a si mesma. Enquanto brinca, ela se diverte e reordena as próprias vivências. Explora livremente o mundo.

As histórias infantis cumprem função semelhante à do brinquedo. Ninguém questiona que, em algumas delas,

tapetes voem ou bichos falem. Iniciada a história, entra-se no jogo. Ele permitirá que circunstâncias e sentimentos, antes confusos, sejam simbolizados e ordenados. Nada muito diferente do que acontece com o adulto, quando se envolve com um romance, um filme, uma novela. Faz pacto com a ficção, suspende a descrença.

2 Importante lembrar

Se conseguir recordar quais eram suas histórias preferidas na infância, é provável que você descubra a razão de permanecerem na memória até hoje. O que, de modo sintético e essencial, diziam? E, certamente, ao lembrar a história, lembrará de um personagem. Ou de dois. João e Maria? Gata Borralheira? Outro bem menos conhecido, mas familiar a você? A narrativa conta sempre algo a respeito de alguém. É por empatia com ele que aderimos à

história e passamos a acompanhar o que acontece.

Nas narrativas infantis, em geral, os personagens são crianças, condição importante para que o pequeno leitor se identifique com eles. Observe como os principais personagens das histórias clássicas são, com frequência, o irmão menor, a enteada, crianças em alguma situação de desvantagem que, depois de enfrentar determinadas provas, conseguem superá-la e revertê-la.

Narrativas infantis contemporâneas costumam ter personagens em situações bem mais amenas, o que não significa que inexistam desafios específicos a superar para que certas situações sejam revertidas. Eles ganham forma na **trama**, também chamada de **enredo** ou **intriga**, que é a apresentação dos eventos de forma encadeada e concatenada, de modo a despertar e

assegurar o interesse de quem lê até o final. Pois o que nos prende à história é, num primeiro estágio de leitura, a curiosidade pelo que vai acontecer. Só mais tarde, quando o leitor for mais experiente, deixará de perguntar "E depois?" para perguntar "Por quê?", passagem do simples interesse pela sequência para a busca do entendimento da causalidade.

3 Noutro lugar

Para que uma história convença o leitor, precisa colocar em relação consistente vários elementos. Assim, o personagem vive em determinado **espaço**, que pode ser narrado a partir de notações geográficas e componentes físicos do cenário em que se desenvolve a **ação**. Observe os exemplos:

"Dorothy morava numa planície do Kansas, bem no meio dos Estados Unidos..."

O mágico de Oz, L. Frank Baum

"Muito longe, nas montanhas dos Alpes, entre juncos esguios, onde nasce borbulhante o rio Pó, para iniciar viagem pelos campos férteis, vivia certa vez um príncipe valente."

Griselda, Charles Perrault

Mas o lugar também pode ser narrado por elementos do **espaço social** em que vivem os personagens:

"Foguinho estava parado na esquina tirando um coelho da meia: andava treinando para ser mágico. Há anos que ele comia fogo no circo, mas agora tinha dado pra ficar de estômago embrulhado cada vez que engolia uma chama"

Corda Bamba, Lygia Bojunga Nunes

O espaço pode, ainda, ser interior, psicológico, mas esse caso é bem menos frequente em histórias infantis.

4 Noutro tempo

O personagem vive também em determinado **tempo**, que encontra inúmeras possibilidades de figuração nas histórias. Às vezes, a notação temporal é bastante vaga:

"Há muitos anos, viviam um rei e uma rainha muito tristes por não terem filhos."

A Bela Adormecida, Charles Perrault

Em outras, simula-se precisão de data:

"Naquele dia, 19 de janeiro de 1981, às 6:15 da tarde, Zé do Cravo subia ao morro quando parou para conversar com Dona Xica."

Uni Duni e Tê, Ângela Lago

E há casos em que é apenas sugestivo:

"Naquela linda tarde, uma fumaça azulada entrou no jardim."

Soprinho, Fernanda Lopes de Almeida

Seja o caso que for, quando se trata de literatura, o tempo é sempre um outro, está fora do calendário. O "Era uma vez", célebre indicador de início de uma narrativa, traz marca de recuo ao passado. Mas você já deve ter observado crianças brincando e narrando o brinquedo que transcorre em tempo presente desta maneira: "Agora você chegava, abria a porta e encontrava o pacote". Como na canção de Chico Buarque de Hollanda, *João e Maria*:

"Agora eu era o herói, e o meu cavalo só falava inglês..."

O tempo do verbo, nesse caso, menos que o pretérito, indica o desligamento do real. Tal como acontece com a fórmula de abertura das narrativas. E mesmo quando a história ordena o que conta em dias, meses, anos, a ficção sempre rompe com o tempo dos relógios, deixando-o em suspensão. Vale é o **tempo da ficção**.

5 Criar modelo

Qualquer história, da mais simples à mais complexa, ao narrar algo, cria um modelo do mundo. As narrativas dão forma a algo que, de outro modo, ficaria disperso.

Histórias não existem apenas nos livros. Vivemos histórias o tempo todo, somos constituídos por elas. Quando se põe atenção, dá para perceber quantas histórias de diferentes tipos ouvimos no

contato com pessoas diversas, ao ler o jornal, ao assistir à televisão. Assim como contamos muitas aos colegas, à família, aos alunos. Constituímos e consumimos histórias o tempo todo. Elas organizam nossas experiências passadas e presentes, e também projetam as futuras. Histórias ordenam o mundo.

Uma história, porém, é sempre contada a partir de certo ponto de vista que, de algum modo, valora aquilo que conta. Nenhum relato é neutro. O ponto de vista da história, portanto, pode assumir posições afetiva, intelectual, ética, ideológica a respeito do que diz. Observe:

"A Sra. Darling gostava de tudo muito certinho, e o Sr. Darling adorava ser exatamente igual aos seus vizinhos. Então, já se vê, eles tinham uma babá."

Peter Pan, J.M. Barrie

O ponto de vista do narrador, entidade ficcional a quem cabe enunciar a narração, deixa bem claro seu potencial crítico a respeito do casal Darling. Atenção: o ponto de vista articula conceitos. Portanto, ao mediar história para uma criança, ou promover a leitura, convém observar em que medida os conceitos da obra são compatíveis com as vivências infantis. O que dizem está de acordo com a capacidade de compreensão da criança a quem se endereça a história? Cabe, igualmente, avaliar se a narrativa possibilita, ou não, ao pequeno leitor, reordenar suas vivências e antecipar possibilidades que ele ainda não experimentou. Porque, afinal, é por isso que lemos.

6 Traços de família

Houve tempo em que as diferentes modalidades de histórias endereçadas às crianças traziam marcadores de **gêneros**. Eram características que permitiam identificar facilmente se era uma história de fadas, uma fábula, um apólogo. Os contos clássicos, com a inabalável atração que exercem sobre os pequenos, contêm essas marcas de modo evidente:

"Era uma vez, uma rainha que teve um filho tão feio e disforme que ela ficou em dúvida se ele era, de fato, humano. Mas uma fada presente ao nascimento lhe assegurou que o menino possuía espírito e muita inteligência"

Riquete do Topete, Charles Perrault

A partir dessa fórmula de abertura, ninguém duvidará tratar-se de

um conto de fadas. No século XX, no entanto, as distinções entre os gêneros literários sofreram abalos.

A literatura infantil produzida hoje, em relação aos gêneros, passou a ser lugar de experimentação. A tradição foi liquidificada. Uma narrativa contemporânea pode acolher elementos de diferentes gêneros. Porém, eles convergem para ela sem ocultar as alterações decorrentes do desgaste sofrido ao longo do tempo.

A literatura põe em relação obras diversas. Ao diálogo entre diferentes textos dá-se o nome de **intertextuali-**

dade. A literatura infantil de Monteiro Lobato reúne Peter Pan, Pinóquio, Branca de Neve, Pequeno Polegar e muitos outros. A qualquer hora, eles podem surgir em meio à turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Em *A bela borboleta*, de Ziraldo, observa-se a mesma característica de diálogo entre textos. Às vezes, isso se dá de forma explícita; outras vezes, não. O importante é ter presente que gêneros não se excluem. Eles se incluem. E que nenhuma obra se fecha sobre si mesma. Mas é o leitor quem estabelece essas inclusões e parentescos. Faz parte do prazer da leitura.

7 Pontos de indeterminação

Numa boa história, nem tudo está dito. Se ela cria um modelo do mundo, é, no entanto, próprio do texto literário apresentar vazios a serem preenchidos pela imaginação do leitor. Ler é dar sentido ao texto. Ocorre, assim, um processo reversível: o leitor, ao preencher os pontos de indeterminação, dá sentido ao texto. E o texto, por sua vez, age sobre o leitor, modificando-o.

É bom entender bem de que modificação se trata: é daquela que leva a experimentar outros pontos de vista sobre o que, de algum modo, já se conhecia. A narrativa literária não prega, não dá

lições. Não está a serviço de nenhuma causa. Mas, a partir da força criativa da palavra e da representação do mundo que faz, ela permite que conceitos e experiências sejam reformulados.

autêntica

www.autenticaeditora.com.br

**televendas
0800 2831322**

Autêntica Editora Ltda.

Rua Aimorés, 981 – 8º andar | Bairro Funcionários | Belo Horizonte – MG | CEP 30140-071

Tel.: (31) 3222 6819 – Fax.: (31) 3224 6087

vendas@autenticaeditora.com.br